

**Na corda bamba do Eu: um recorte do fenômeno bolsonarista
sob a égide do movimento de massas**

Ana Paula de Resende e Andrade¹

João Victor Neves Rosa²

Jessika Pereira Damásio³

Resumo

O presente artigo propõe um recorte bibliográfico acerca de passagens sócio-históricas com repercussões relativas a movimentos de massa autoritários, vislumbrados por Freud em “Psicologia das Massas e Análise do Eu” e Adorno e Horkheimer em “Dialética do Esclarecimento”, capítulo “Elementos do Antissemitismo: limites do esclarecimento”, elemento VI, bem como suas possíveis aproximações com a política de governo de Jair Bolsonaro entre 2018 e 2022. Essa proposta se faz realizável a partir de tensionamento dos discursos e práticas do governo vigente entre 2018 e 2022 e de seus apoiadores, considerando a possível relação entre tais discursos com a promoção da negação da ciência, a disseminação de ideias conspiratórias e a retórica de inimigos internos e externos. Para tanto, fez-se necessário examinar, por meio de referenciais teóricos específicos, como a administração tecnológica pôde influir no processo de formação racional do sujeito por meio da possível relação entre os aspectos midiáticos e o potencial alienante do conceito de “pós-verdade” no contexto da sociedade brasileira atual. A pesquisa realizada não visa encerrar o entendimento sobre o fenômeno bolsonarista, mas despontar algum incômodo àquele/a que o lê, no sentido de motivar indagações, proposições, questionamentos e uma maior investigação do fenômeno. **Palavras-chave:** Autoritarismo, Bolsonarismo, Psicanálise, Pós-verdade

1 Graduanda em Psicologia no Centro Universitário Tancredo de Almeida Neves - UNIPTAN (São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil). Orcid: 0009-0007-3436-4717. E-mail: anapaulald137@gmail.com.

2 Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Tancredo de Almeida Neves - UNIPTAN (São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil). Orcid: 0009-0005-4842-1845. E-mail: joaovictor.nr97@gmail.com.

3 Psicóloga. Mestra em Psicologia Social pela Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ (São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil). Orcid: 0009-0008-2206-8440. E-mail: profajessikadamasio@gmail.com.

Introdução

*Chora a nossa pátria mãe gentil,
Choram Marias e Clarisses no solo do Brasil.
Mas sei que uma dor assim pungente
Não há de ser inutilmente, a esperança
Dança na corda bamba de sombrinha
E em cada passo dessa linha pode se machucar
(Elis Regina, Aldir Blanc & João Bosco, 1979)*

O fascismo original, como fenômeno histórico e político, teve seu surgimento no início do século XX, impulsionado pelo nacionalismo e pelo autoritarismo, conforme demonstra Boito Jr. (2021). Suas características fundantes, segundo o autor, se evidenciam a partir de uma ideologia totalitária e pelo culto à violência e à guerra, além da promoção da negação do pluralismo político e da diversidade cultural.

Apesar de tal fenômeno ter sido inaugurado no século XX (Boito Jr., 2021), ao analisar a construção da subjetividade humana, em seus aspectos políticos e psicológicos, é possível identificar como os ideais fascistas e autoritários se fazem manifestos e podem ser identificados como importantes mecanismos de manipulação de massas. Perante alguns momentos da História brasileira, o fenômeno do autoritarismo fascista representou – e ainda representa – os interesses massificantes de grupos específicos, alguns deles formalizados no Estado e no sistema político, mais precisamente entre 2013 e 2016 (Schwarcz, 2019). Na corda bamba da jovem democracia brasileira, a população tenta se equilibrar em meio às investidas das alegorias autoritárias de um passado recente que ainda ressoa.

Nesse sentido, o presente estudo propõe um recorte bibliográfico acerca de passagens sócio-históricas com repercussões relativas a movimentos de massa autoritários, vislumbrados por Freud em “Psicologia das Massas e Análise do Eu” (1920/2011) e Adorno e Horkheimer em “Dialética do Esclarecimento”, capítulo “Elementos do Antissemitismo: limites do esclarecimento”, elemento VI (1947), bem como suas possíveis tensões com a política de governo de Jair Bolsonaro entre 2018 e 2022.

Essa proposta se faz realizável a partir da identificação de temáticas negacionistas nos discursos e práticas do governo vigente entre 2018 e 2022 e de seus apoiadores, considerando a possível relação entre tais discursos e a promoção da negação da ciência, a disseminação de ideias conspiratórias e a retórica de inimigos internos e externos. Para tanto, faz-se necessário examinar, por meio de referenciais teóricos específicos, como a administração tecnológica pode influir no processo de formação racional do sujeito por meio da possível relação entre os aspectos midiáticos e o potencial alienante do conceito de “pós-verdade”⁴ no contexto da sociedade brasileira atual.

4 Segundo a Academia Brasileira de Letras (s.d.), o termo designa “informação ou asserção que distorce deliberadamente a verdade, ou algo real, caracterizada pelo forte apelo à emoção, e que, tomando como base crenças difundidas, em detrimento de fatos apurados, tende a ser aceita como verdadeira, influenciando a opinião pública e comportamentos sociais”.

A presente pesquisa justifica-se pela necessidade de compreensão da realidade material e subjetiva do autoritarismo, diante da importância de manter uma atitude e envolvimento políticos, de acordo com os pressupostos propostos pelo Código de Ética Profissional do Psicólogo (Resolução CFP n. 10/2005) em seus seguintes princípios fundamentais:

II. O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

III. O psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural.

V. O psicólogo contribuirá para promover a universalização do acesso da população às informações, ao conhecimento da ciência psicológica, aos serviços e aos padrões éticos da profissão.

VII. O psicólogo considerará as relações de poder nos contextos em que atua e os impactos dessas relações sobre as suas atividades profissionais, posicionando-se de forma crítica e em consonância com os demais princípios deste Código. (p. 7)

Nesse sentido, faz-se relevante estudar e compreender a temática considerando o crescente aumento, nos últimos anos, de movimentos nocivos⁵ (Grupos neonazistas crescem 270% no Brasil em 3 anos: estudiosos temem que presença on-line transborde para ataques violentos, s.d.), tais como a massificação, mobilizações neofascistas, desigualdade social; esses articulados, promovidos e reforçados mediante *fake news*⁶. Além disso, a pesquisa tem como objetivo tornar possível apreender os valores atrelados ao fenômeno de identificação, a fim de tensionar, diante dos processos de massificação, os aspectos subjetivos e coletivos, bem como identificar e verificar as possíveis ressonâncias alienantes do bolsonarismo e da implicação da pós-verdade na realidade brasileira.

Fundamentos sócio-históricos do fascismo

*Por esse pão pra comer,
por esse chão pra dormir
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir
Por me deixar respirar, por me deixar existir
Deus lhe pague
(Chico Buarque, 1971)*

De acordo com Singer et al. (2020), não existe um consenso científico entre os/as estudiosos/as da área acerca da definição conceitual do fascismo. Sabe-se que se trata de um movimento reacionário controverso que visa à conservação da tradição a partir da tecnologia,

5 Fantástico (2022).

6 Segundo o Dicio – Dicionário Online de Português (s.d.), o termo, derivado do inglês, pode ser traduzido como informações falsas, que podem ser transmitidas ou publicadas como notícia, motivadas por razões políticas ou para fins fraudulentos.

à manutenção da ordem pelo caos, a rebelar-se contra o sistema mantendo relações estreitas com as elites e participação popular oprimindo seus opositores.

Nesse ínterim, Boito Jr. (2021) descreve o fascismo como uma ditadura em que se tem um regime reacionário de massa, superficialmente crítico, mas extremamente conservador em suas entranhas. Sendo o fascismo esse regime político reacionário, o autor salienta que “também deve ser denominado fascista o movimento social que luta pela instauração desse regime e a ideologia que mobiliza esse movimento e legitima a ditadura fascista” (p. 4). Dessa forma, pode-se compreender que “o fascismo se define pela forma de Estado (ditadura), pelo regime político (fascismo) e engloba o movimento e a ideologia que implantam e legitimam esse regime” (p. 8).

A fim de uma breve contextualização histórica, conforme teoriza Boito Jr. (2021), o fascismo original surgiu no século XX e configurou-se como um movimento cujo principal mobilizador foi a pequena burguesia da época, fortemente influenciada pelo receio de uma ameaça advinda do movimento operário socialista e comunista. Desse modo, tal movimento pôde ser classificado como fascista porque o seu objetivo político principal foi a eliminação do pensamento e dos movimentos considerados de esquerda.

No entanto, é cogente entender que o fascismo não se instaura repentinamente. Trata-se de um processo gradativo, proveniente de aspectos como “crise de hegemonia no bloco no poder, crise de representatividade dos partidos burgueses, situação de derrota do movimento operário e popular [...] e a constituição de uma classe intermediária como força social ativa e reacionária” (Boito Jr., 2021, p. 21).

Por outro lado, o neofascismo, ainda de acordo com o referido autor, é um movimento decorrente do fascismo original que surge no século XXI e, especificamente, no Brasil, na semiperiferia do sistema imperialista encabeçado pela alta classe média e que tem, entre seus preceitos, o conservadorismo. Assim como seu precursor, no neofascismo, o inimigo a ser combatido é o movimento democrático e popular.

Assim, Boito Jr. (2021) apresenta o movimento neofascista fundamentado em duas principais frentes, a mobilização da crítica conservadora promovida pela denominada classe média à corrupção e a política democrática brasileira – e, ao mesmo tempo, o reconhecimento do capital financeiro internacional como basilar não só do governo, mas também integrado à burguesia brasileira.

Nesse sentido, no Brasil, durante o governo de Bolsonaro (2018-2022), ainda não foi possível tomar como referência uma ditadura fascista, mas, sim, um movimento com ideologias fascistas com presença de ameaças à democracia e que pode, a depender da conjuntura e de análises posteriores, ser incluído como uma ditadura do tipo fascista (Boito Jr., 2021). Isso porque, segundo o autor, “há um núcleo duro do bolsonarismo [...] que é a base militante de Bolsonaro e em torno do qual gravita uma periferia mais ampla de variados matizes de direita e extrema-direita” (p. 17).

Assim, segundo Singer *et al.* (2020):

Tal como o bordão deixa claro (“Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”), a saída para acabar com a sangria do país, causada pela corrupção, crise na segurança pública e avanço do globalismo comunista, envolve colocar uma suposta homogeneidade nacional acima de

quaisquer outras identidades e compromissos, respeitando seu pilar fundamental – a religião cristã –, algo que vai ao encontro das tradições do fascismo à brasileira. (p. 3)

Diante disso, para Silva e Caminha (2019), o fascismo já está presente na sociedade, em seu aspecto mais intimista, mas precisa de gatilhos para eclodir. Consequentemente, existem formas de pensar e sentir que são específicas ao movimento fascista, demonstrando a necessidade constante de atenção aos sinais perigosos relacionados aos discursos de ódio.

Dinâmicas psicológicas e a proposta autoritária em Freud, Adorno e Horkheimer

*Mas é você que ama o passado
E que não vê [...]
Que o novo sempre vem
(Belchior, 1976)*

De acordo com os preceitos postulados por Freud em “Psicologia das massas e análise do Eu” (1921/2011), toda psicologia individual é, em primeira instância, produto e produtora de uma Psicologia Social, a qual afirma e nomeia como Psicologia das Massas. Nesse sentido, “a psicologia de massas trata o ser individual como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição, ou como parte de uma aglomeração que se organiza como massa em determinado momento, para um certo fim” (Freud, 1921/2011, p. 11).

Partindo desse pressuposto, Freud (1921/2011) acredita, então, que a condição primeira para que ocorra o processo de massificação é a capacidade de identificação tanto dos indivíduos da massa com o líder ou com uma ideia geradora quanto dos indivíduos entre si. Outrossim, compreende-se que, para que esse movimento ocorra, os sujeitos precisam, necessariamente, estar unidos por um interesse em comum, um desejo compartilhado.

Na massa, acredita Le Bon, as aquisições próprias dos indivíduos se desvanecem, e com isso desaparece sua particularidade. O inconsciente próprio da raça ressalta, o heterogêneo submerge no homogêneo. Diríamos que a superestrutura psíquica, que se desenvolveu de modo tão diverso nos indivíduos, é desmontada, debilitada, e o fundamento inconsciente comum a todos é posto a nu (Freud, 1921/2011, p. 14).

Nessa perspectiva, uma instância de grande relevância no entendimento do movimento das massas é a diferenciação – ou não – do Eu com o Ideal do Eu. Para Freud (1921/2011, p. 52), o Ideal do Eu é “uma instância que pode se separar do resto do Eu e entrar em conflito com ele”. Tal instância se desenvolve, gradativamente, a partir de fragmentos do meio sociocultural ao qual o indivíduo encontra-se incluído.

O Ideal do Eu, portanto, seria um modelo com o qual o sujeito procuraria conformar-se (Laplanche; Pontalis, 1924/2001). “Nós a chamamos de ‘ideal do Eu’ e lhe atribuímos funções como auto-observação, consciência moral, censura do sonho e principal influência na repressão” (Freud, 1921/2011, p. 52). Ao analisar o processo de massificação, por conseguinte, torna-se perceptível o movimento de substituição do Eu pelo Ideal do Eu. A partir do momento em que os indivíduos elevam um mesmo objeto como Ideal do Eu, este torna-se o Ideal da Massa que é corporificado pela figura do líder (Freud, 1921/2011).

Compreendendo a massa como um processo no qual reinam ligações afetivas propiciadas pela identificação, o tipo de ligação estabelecida com a figura do líder faz-se demasiadamente relevante. Nesse ínterim, o líder assume uma posição parecida com a do pai primordial, o pai da *horda primeva*. Mais adiante, o conceito de *horda primeva* e como as massas se relacionam a esta serão mais especificamente explicados.

Dessa maneira, ao analisar alguns pressupostos propostos por Max Horkheimer e Theodor W. Adorno em *Dialética do Esclarecimento*, mais especificamente no capítulo acerca dos elementos do antissemitismo, aforismo VI (1947), é possível traçar um paralelo entre o movimento antissemita e o movimento de massas teorizado por Freud, já que o antissemitismo, além de uma forma de preconceito, englobando dimensões cognitivas e afetivas, pode ser compreendido, ainda, como um movimento de massas.

Por conseguinte, pode-se assimilar que “o comportamento antissemita é desencadeado em situações em que os indivíduos obcecados e privados de sua subjetividade se veem soltos enquanto sujeitos”. Ainda, “eles saem a pilhar e constroem uma ideologia grandiosa para isso, e falam disparatadamente da salvação da família, da pátria, da humanidade” (Adorno & Horkheimer, 1947/xxxx, p. 141).

Pensando nisso, pode-se concluir que “a massa é um rebanho dócil, que não pode jamais viver sem um senhor. Ela tem tamanha sede de obediência que instintivamente se submete a qualquer um que se apresente como seu senhor” (Freud, 1921/2011, p. 21). Dessa forma, de acordo com Freud, “ainda hoje os indivíduos da massa carecem da ilusão de serem amados igualmente e justamente pelo líder, mas este não precisa amar ninguém mais, é-lhe facultado ser de natureza senhorial, absolutamente narcisista, mas seguro de si e independente” (Freud, 1921/2011, p. 67).

A família, como instituição primária, se faz extremamente presente como força motriz para a estruturação da subjetividade dos indivíduos. Destarte, ao pensar-se a partir da construção edípica e suas ressonâncias sociais, a premissa da figura do pai faz-se indispensável (Freud, 1921/2011). O líder, nessa perspectiva, ocupará esse local do pai – aquele que ama igualmente a todos –, e a massa, conseqüentemente, tende a tentar preencher o desamparo primordial, do qual todos os seres estão submetidos desde o nascimento. A busca pelo pertencimento, identificação e por uma figura ou uma ideia que supra a falta basilar é o aspecto fundante que molda a formação das massas.

Outrossim, como citado *a priori*, a massa se assemelha com a revivescência da *horda primeva*, isto é, de acordo com Freud (1921/2011), Charles Darwin propôs que, no início dos tempos, a estrutura conjuntural da sociedade seria a de uma horda governada por um macho forte. A partir dessa análise e do crivo de Freud, o homem primevo teria, de alguma forma, se conservado em cada indivíduo ao longo da história. Nesse sentido, na medida em que “os homens são habitualmente governados pela formação de massa, reconhecemos nesta a continuação da horda primeva” (Freud, 1921/2011, p. 66).

O caráter inquietante e compulsivo da formação da massa, evidenciado em seus fenômenos de sugestão, pode então ser remontado, com justiça, à sua origem a partir da horda primeva. O líder da massa continua a ser o temido pai primordial, a massa quer ainda ser dominada com força irrestrita, tem ânsia extrema de autori-

dade [...]. O pai primevo é o ideal da massa, que domina o Eu no lugar do ideal do Eu (Freud, 1921/2011, p. 71).

Portanto, no processo de massificação, Freud (1921/2011) pontua que nos primórdios da história humana o líder ocupava a posição de pai protetor da horda primeva, uma espécie de super-herói, sendo o responsável por amar e reconhecer todos os indivíduos igualmente, fornecer segurança e proteção. Assim, o pai primevo seria responsável por representar o Eu no lugar do ideal do Eu, isto é, dos interesses da massa.

Posto isso, pode-se concluir, então, que o líder autoritário consegue manipular as massas por meio de discursos perpassados por demasiado afeto, trazendo à tona aspectos latentes que estão presentes no inconsciente daqueles que o seguem. Sendo assim, ao representar e expor seus ideais sem a menor censura, pudor, resguardo e medo de sofrer consequências, contar mentiras incessantemente e ainda assim continuar sendo aplaudido e idolatrado, é possível compreender que o vínculo entre os indivíduos da massa não é do âmbito da razão, mas sim dos aspectos da economia libidinal (Silva & Caminha, 2019). Tal movimento torna-se visível diante da seguinte fala emitida por Bolsonaro, retirada do Documentário Democracia em Vertigem, direção de Petra Costa (2019, grifos nossos): “Me chamam de grosso, homofóbico, fascista, etc... **Eu sou um herói!** E estou cada dia mais vivo perante a opinião pública”.

Partindo desse pressuposto, para Freud (1921/2011), a formação da massa pressupõe a necessidade de promover uma instituição forte o bastante que possibilite a intensificação do afeto e a tentativa de suprir o desamparo/falta primordial à qual todo sujeito está condenado ao nascer. Ela permite ao grupo uma identidade anônima, poder invencível e uma falsa liberdade de impulsos instintivos antes reprimidos pelo mecanismo do medo social. Dessa forma, a massa pode ser compreendida como organismo impulsivo, onipotente e guiado pela paixão, podendo ocasionar atos heroicos e/ou violentos.

A massa é extraordinariamente influenciável e crédula, é acrítica, o improvável não existe para ela. Pensa em imagens que evocam umas às outras associativamente, como no indivíduo em estado de livre devaneio, e que não têm sua coincidência com a realidade medida por uma instância razoável. Os sentimentos da massa são sempre muito simples e muito exaltados. Ela não conhece dúvida nem incerteza (Freud, 1921/2011, pp. 18-19).

Por conseguinte, ao analisar o bolsonarismo como um movimento de massas sob a ótica de Sigmund Freud (1921/2011), tem-se uma consideração relevante sobre o funcionamento psicológico desse sistema:

Partimos do fato fundamental de que o indivíduo no interior de uma massa experimenta, por influência dela, uma mudança frequentemente profunda de sua atividade anímica. Sua afetividade é extraordinariamente intensificada, sua capacidade intelectual claramente diminuída, ambos os processos apontando, não há dúvida, para um nivelamento com os outros indivíduos da massa; resultado que só pode ser atingido pela supressão das inibições instintivas próprias de cada indivíduo e pela renúncia às peculiares configurações de suas tendências (p. 29).

Com efeito, em relação ao processo de identificação, Freud (1921/2011) a postula como a mais antiga manifestação de vínculo afetivo entre duas pessoas. Dessa forma, quanto maior

a semelhança entre o objeto e o eu, mais significativo será o processo de identificação. Sendo assim, para o mesmo autor, quando uma massa se forma, unidos por um mesmo propósito, há uma identificação tão homogênea que os indivíduos pertencentes, ditos civilizados, se sentem iguados e fadados a suportar as especificidades e relevar suas repulsas (Freud, 1921/2011).

Esses sujeitos “civilizados”, portanto, que se consideram altamente racionais e livres de quaisquer heranças miméticas⁷, produzem, por meio de políticas fascistas, regimentos e burocracias que lhes permitam exercer todo o seu poder de maneira demasiadamente racionalizada. Tentam, dessa forma, dirigir seu ódio reprimido para um objeto específico – no caso do antissemitismo, os judeus; no caso do bolsonarismo, as minorias. Tais objetos incomodam por representarem tamanha liberdade de pulsões: “*Todos os outros são ‘muito espaçosos’ e devem ser realocados em seus limites, que são os limites do terror sem limites*” (Adorno & Horkheimer, 1947, p. 150, grifos nossos). A vítima em potencial é aquela que, de forma estranhamente familiar, simboliza os impulsos recalcados que o sujeito não consegue admitir como seus.

Nas palavras de Adorno e Horkheimer (1947),

O indivíduo obcecado pelo desejo de matar sempre viu na vítima o perseguidor que o forçava a uma desesperada e legítima defesa, e os mais poderosos impérios sempre consideraram o vizinho mais fraco como uma ameaça insuportável, antes de cair sobre eles. A racionalização era uma finta e, ao mesmo tempo, algo de compulsivo. Quem é escolhido para inimigo é percebido como inimigo. O distúrbio está na incapacidade de o sujeito discernir no material projetado entre o que provém dele e o que é alheio. (p. 154)

A projeção da impressão dos sentidos é um dos mecanismos de defesa mais antigos do ser humano. No entanto, “[...] tanto a vida intelectual quanto a vida afetiva se diferenciam com a formação do indivíduo, o indivíduo precisa de um controle crescente da projeção; ele tem de aprender ao mesmo tempo a aprimorá-la e a inibi-la” (Adorno & Horkheimer, 1947/xxxx, p. 154). Dessa forma, fez-se importante, para o sujeito ao longo de sua história, aprender a distinguir entre exterior e interior, com o intuito de integrar uma consciência de si mesmo e uma consciência moral; identificação e distanciamento.

O que acontece nos indivíduos da massa é uma petrificação do Ego; isto é, ao efetuar tal movimentação, o processo se estagna no momento da identificação, tornando-se inviável a possibilidade do distanciamento. Em outras palavras, o sujeito de Ego petrificado compreende que suas percepções acerca do mundo das coisas são irrefutáveis, visto que o entrelaçamento entre subjetividade e exterioridade foi rompido.

O patológico no antissemitismo não é o comportamento projetivo enquanto tal, mas a ausência da reflexão que o caracteriza. Não conseguindo mais devolver ao objeto o que dele recebeu, o sujeito não se torna mais rico, porém, mais pobre. Ele perde a reflexão nas duas direções: como não reflete mais o objeto, ele não reflete mais sobre si e perde assim a capacidade de diferenciar (Adorno & Horkheimer, 1947, p. 155).

7 Flexão do termo *mimesis*, de origem grega, que significa “a faculdade do homem de reproduzir, imitar. Na Filosofia aristotélica, a *mimesis* representa os fundamentos da arte e Platão, por sua vez, cria ser tudo imitação, até mesmo que o universo é oriundo de uma imitação verdadeira, o mundo das ideias” (Oliveira, 2013, p. 56).

Destarte, distante de distanciar-se e procurar ouvir sua consciência moral, o sujeito de ego petrificado, imerso nos efeitos relacionados aos fenômenos de massa⁸, ouve vozes e acredita, piamente, que sua paranoia é real, mesmo que a realidade tente demonstrar o contrário. Para sustentar sua verdade, ele cria teorias da conspiração – *terra-planismo*⁹, negação da existência de uma pandemia mundial do vírus da covid-19¹⁰, *kit gay*¹¹ – e se mune de argumentos – e de armas – para não ser confrontado com o real. O que tenta ignorar em si a todo custo se reflete nas coisas que persegue e, quanto mais o faz, mais perceptivo esse movimento se torna – mas não para ele. Para Freud, “**as massas requerem ilusão**” (1921/2011, p. 20, grifos nossos).

O contexto pré-Bolsonaro (2013-2016): o gigante acordou?

*Não posso fazer serenata
A roda de samba acabou
A gente toma a iniciativa
Viola na rua, a cantar
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega a viola pra lá
(Chico Buarque, 1968)*

Um dos maiores movimentos de massas no Brasil dos últimos anos ocorreu em junho de 2013 e emergiu de forma repentina e sem uma proposta muito bem definida. O marco inicial e disparador desse movimento começou devido ao aumento de 20 centavos na tarifa de ônibus em São Paulo. No entanto, de modo quase imediato, o lema se transforma em: “Não são só vinte centavos” e as reivindicações passam a ser direcionadas para melhores condições de saúde, educação, moradia e a acessos à população em todos os níveis da sociedade, tais como lazer e cultura.

É possível que esse momento tenha sido um dos marcos iniciais para os acontecimentos posteriores no Brasil. A partir dele, a descrença dos representantes políticos para com os interesses sociais ficou ainda mais evidente, sendo um movimento catalisado pelos dois espectros ideológicos: tanto direita como esquerda. Schwarcz (2019), observa, no movimento de rua, uma divisão:

8 Embora existam semelhanças na forma como sujeitos paranoicos e indivíduos sob efeitos dos fenômenos de massa possam sustentar crenças irracionais, faz-se necessário diferenciar que, no primeiro caso, trata-se de uma questão de organização psíquica, vinculada à estrutura psíquica do sujeito; enquanto no segundo o fenômeno está mais relacionado ao contexto social no qual o sujeito se encontra inserido.

9 O movimento terra-planista ganhou força a partir de 2014, nos Estados Unidos. De modo geral, são crenças movidas a conspirações, que duvidam e questionam comprovações científicas, instituições e governos. Cunha (s.d.).

10 Em 2020, Bolsonaro, no seu pronunciamento oficial, associou o vírus a uma “gripezinha”, “produzindo uma abordagem centrada na minimização da pandemia, na desqualificação das medidas de contenção, na naturalização da morte e na suposição de uma espécie de teoria da conspiração[...]” (Calil, 2021, p. 40).

11 O “kit gay” foi uma das *fake news* de maior repercussão nas eleições de 2018. Bolsonaro divulgou o livro “aparelho sexual & cia”, que nada tem a ver com a cartilha de orientação para professores, composta pelo programa governamental “Brasil sem Homofobia”. Pina (2018).

[...] o formato das manifestações de 2013; pouca gente notou, mas existiam, já naquele contexto, dois lados da avenida que jamais convergiam. Se o espaço das ruas representou um domínio das esquerdas até então, de repente ele ampliou seu espectro, ao mesmo tempo que o reduziu. Ampliou, pois acomodou outros tipos de demanda. Reduziu, na medida em que dividiu totalmente o espaço público de maneira que os dois grupos jamais compartilhassem o mesmo local. (p. 179)

Apesar de, atualmente, ter-se conhecimento acerca dos processos que sucederam a partir de 2013, aquele movimento surgiu como grande esperança de transformação e melhoria social. A voz do povo novamente ecoava pelas ruas e existia uma certa beleza naquela sensação de comunidade e união. Beleza essa que se mostra caricata de um movimento de massas quando não existem mudanças e transformações percebidas na materialidade. Dessa forma, com isso, soma-se uma descrença absoluta e acrítica para com as instituições, numa recusa iminente de toda e qualquer proposição advinda do governo, possibilitando, segundo Schwarcz (2019), uma abertura para alguns *outsiders* e figuras menos conhecidas do terreno político:

Por sua parte, o vazio social e o ceticismo adubaram um terreno já fértil para a ascensão de pretensos *outsiders*, políticos autoritários, oportunistas e populistas, que se dizem acima e além dos demais dirigentes, apesar de compartilharem do mesmo jogo político e viverem dele. Como não conseguem produzir consensos mais amplos na sociedade civil, apostam, seguindo as lições dos outros governos emergentes, no conflito e na divisão (p. 189).

Diante da disputa política iniciada nesse contexto, em 2014, surge o Movimento Brasil Livre (MBL). Segundo Ricci (2018), o MBL surge como uma entidade civil para combater a corrupção e lutar pelo *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff. Tal organização despontou no cenário político de modo avassalador, especialmente nos meios digitais. Com uma estética jovial e disruptiva, o MBL foi o agente que talvez melhor tenha se aproveitado da brecha existente em 2013, influenciando, consideravelmente, uma nova juventude que adentrava o cenário político. O que é pouco vinculado é que o MBL não é uma coincidência do contexto; ele não se originou espontaneamente dos movimentos, mas sim de um projeto de financiamento internacional e com apoio de alguns partidos políticos do Brasil alinhados à direita, como PMDB, DEM, PSDB. Ricci (2018) menciona e contextualiza acerca da influência da *Atlas Network*:

Esta organização, que possui 484 parceiros em 92 países, é uma *think tank* norte-americana, cuja sede está situada em Washington, D.C. Fundada em 1981, ela propaga concepções de direita e propostas programáticas ultraliberais, bem como recebe recursos de fundações, corporações e doações individuais. Entre seus patrocinadores, estão os irmãos Koch, empresários do setor de petróleo e gás. No Brasil, ela mantém 12 parcerias, algumas vinculadas à organização estudantil *Estudiantes por la Libertad*, ramificação da *Students For Liberty*, que, no País, possui como afiliadas a Estudantes Pela Liberdade (em Belo Horizonte) e *Students For Liberty Brasil* (em São Paulo). (p. 103)

Posteriormente, em 2014, o Brasil passou por uma eleição presidencial bastante acirrada. O nome de Aécio Neves foi propagado pelas organizações direitistas¹², que vinham crescendo consideravelmente, especialmente do próprio MBL, e o sentimento antipetista criava forma. Ricci (2018) já observava a ascensão dos jovens para uma ala mais conservadora, talvez, como efeito direto dessa nova organização:

Ao final do segundo turno, já se contabilizavam quinze mil jovens arregimentados em comunidades formadas nas redes sociais que apoiavam abertamente a candidatura de Aécio Neves e se opunham ferrenhamente ao governo Dilma Rousseff e ao lulismo. Começava a organização, de fato, Movimentos de uma parcela da juventude que se afirmava como de direita. (p. 103)

Com a vitória da então presidenta Dilma Rousseff, o sentimento de frustração dessas alas, juntamente com a intensificação da “Operação Lava-Jato”, criada em 2014, culminou efetivamente no antipetismo. Segundo Bastos (2017), apesar da gestão petista apoiar a Operação Lava-Jato, paradoxalmente, o efeito das investigações desgastou o governo, especialmente no conflito com políticos e empresários envolvidos em transações suspeitas, que visaram à substituição do governo, em busca de anistia pelos crimes cometidos (2017, p. 5).

Tais questões, aliadas a uma intensa intervenção midiática, juntamente com argumentações ilícitas de pedaladas fiscais, culminaram no processo de *impeachment* da presidenta Dilma em 2016. Evento esse que, posteriormente, viria a ser reconhecido por parte da população, alguns veículos de imprensa e, inclusive pelo ex-presidente Michel Temer (2016-2018), como **Golpe de Estado**¹³. Certamente, uma das passagens mais críticas da história do país. Nesse momento, o autoritarismo estava institucionalizado.

Para concluir, mas não completamente

Como lidar com a vertigem de ser lançado em um futuro que parece tão sombrio quanto nosso passado mais obscuro? O que fazer quando a máscara da civilidade cai e o que se revela é uma imagem ainda mais assustadora de nós mesmos?
(Costa, 2019)

Diante da análise proposta nesta pesquisa, fica evidente a importância de compreender os fenômenos políticos, psicológicos e subjetivos envolvidos no bolsonarismo no Brasil. Por meio de uma breve revisão bibliográfica, buscou-se investigar as possíveis ressonâncias do fascismo original e de suas novas concepções na política do governo de Jair Bolsonaro, no período de 2018 a 2022.

12 De acordo com Silva (2014), compreende-se como espectro ideológico de direita aquela “que pretende preservar ou ampliar os poderes de grupos já devidamente representados nas esferas de poder”. Já o espectro ideológico de esquerda é aquela que “pretende empoderar grupos sub-representados nas esferas de poder” (p. 156).

13 Em entrevista realizada em 2021 ao programa “Roda Viva”, Michel Temer admite a existência do Golpe de Estado na frase: “eu jamais apoiei ou fiz empenho pelo golpe”. Roda Viva (2019).

Andrade, A. P.R.; Rosa, J. V. N & Damásio, J. P.

Ao refletir sobre as bases teóricas do fascismo, compreende-se que suas características autoritárias, o culto à violência, a negação do pluralismo político e a construção de inimigos internos e externos são mecanismos que podem ser identificados no Bolsonarismo como um fenômeno social. Pela análise dos discursos e práticas do governo e de seus apoiadores, percebe-se a promoção da negação da ciência, a disseminação de ideias conspiratórias e o uso da retórica do medo.

Além disso, a administração tecnológica desempenha um papel importante na formação da subjetividade do indivíduo, principalmente mediante aspectos midiáticos. A disseminação de informações falsas e o fenômeno da “pós-verdade” podem ter um potencial alienante na sociedade brasileira, contribuindo para a massificação e o fortalecimento do bolsonarismo como movimento autoritário.

Nesse contexto, é fundamental para os psicólogos e profissionais da área compreenderem os fenômenos acerca da realidade política e subjetiva do autoritarismo e suas possíveis ressonâncias na sociedade. A partir dos princípios éticos da profissão, é necessário trabalhar visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas, contribuindo para a eliminação de formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Resolução CFP n. 10, 2005).

A pesquisa realizada neste artigo visa contribuir para esse objetivo, analisando criticamente algumas bases teóricas do autoritarismo e do fascismo, suas manifestações na política do governo Bolsonaro e as dinâmicas psicológicas envolvidas nesse contexto. Espera-se que os resultados obtidos possam fornecer subsídios para uma compreensão mais ampla desses fenômenos e proporcionem possíveis articulações para profissionais da Psicologia, pesquisadores e demais interessados em compreender e lidar com os desafios políticos e psicológicos contemporâneos.

Diante dos argumentos supracitados, faz-se importante considerar que as músicas citadas no decorrer do artigo foram produzidas durante o período da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), um momento marcado pelo terror do autoritarismo, incertezas, repressão política e perseguição cultural e artística. Portanto, *para que não se repita*, segundo Adorno (1995), é necessário que a educação política se empenhe em promover espaços de discussão de questões caras à sociedade, que possam informar acerca da existência de um jogo de forças políticas por trás da superfície a que se tem acesso, sem o receio de contrariar potências. Dessa maneira, “[...] tratar criticamente um conceito tão respeitável como o da razão de Estado, para citar apenas um modelo: na medida em que colocamos o direito do Estado acima do de seus integrantes, o terror já passa a estar potencialmente presente” (Adorno, 1995, p. 137).

A pesquisa realizada não visa encerrar o fenômeno bolsonarista, mas indicar possíveis articulações a serem consideradas em seu estudo. Que este artigo possa despontar algum incômodo àquele/àquela que o lê no sentido de motivar indagações, proposições, questionamentos e uma maior investigação do fenômeno, com o empreendimento de outras pesquisas sobre a temática. Para que não se repita, “é preciso estar atento e forte” (Gal Costa, Veloso & Gil, 1968).

Referências

- Academia Brasileira de Letras. (s.d.). Pós-verdade In *Academia Brasileira de Letras*. Recuperado em 04/10/2024 em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/pos-verdade>.
- Adorno, T. W. (1995). *Educação e emancipação* (3a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Adorno, T. W., & Horkheimer, M. (1947). Elementos do antissemitismo: limites do esclarecimento. In Adorno, T. W. & Horkheimer, M. *Dialética do esclarecimento* (xx ed., pp. 88-94). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1947).
- Bastos, P. P. Z. (2017). Ascensão e crise do governo Dilma Rousseff e o golpe de 2016: poder estrutural, contradição e ideologia. *Revista de Economia Contemporânea*, 21(2), 1-63. <https://doi.org/10.1590/198055272129>
- Belchior. (1976). Como nossos pais [Música]. In *Alucinação*. Philips.
- Boito Jr., A. (2021). O caminho brasileiro para o fascismo. *Caderno CRH*, 34, e021009. <https://doi.org/10.9771/ccrh.v34i0.35578>
- Caldas, C. O. L., & Caldas, P. N. L. (2019). Estado, democracia e tecnologia: conflitos políticos e vulnerabilidade no contexto do big-data, das fake news e das shitstorms. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 24(2), 196-220. <https://doi.org/10.1590/1981-5344/3604>
- Calil, G. G. (2021). A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. *Serviço Social & Sociedade*, (140), 30-47. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.236>
- Chico Buarque. (1968). Roda Viva [Música]. In *Chico Buarque de Hollanda – Volume 3*. RGE.
- Chico Buarque (1971). Construção [Música]. In *Construção*. Philips.
- Costa, P. (Diretora). (2019). *Democracia em vertigem* [Filme]. Busca Vida Filmes.
- Cunha, C. (s.d.). Ciência – Teoria da Terra Plana está cada vez mais popular. Uol. Recuperado em 26/10/2024 em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/ciencia--teoria-da-terra-plana-esta-cada-vez-mais-popular.htm>
- Dicio – Dicionário Online de Português. (s.d.). Fake news. In *Dicio*. Recuperado em 02/01/2025 em: <https://www.dicio.com.br/fake-news/>.
- Elis Regina (Cantora), Aldir Blanc (Compositor), & João Bosco (Compositor). (1979). O bêbado e a equilibrista [Música]. In *Essa Mulher*. WEA.
- Fantástico. (2022, 16 de janeiro). Grupos neonazistas crescem 270% no Brasil em 3 anos; estudiosos temem que presença online transborde para ataques violentos. G1. Recuperado em 02/01/2025 em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/01/16/grupos-neonazistas-crescem-270percent-no-brasil-em-3-anos-estudiosos-temem-que-presenca-online-transborde-para-ataques-violentos.ghtml>
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas. In Freud, S. *Obras completas de Sigmund Freud: Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos* (Vol. 15, pp. 10-100). Rio de Janeiro: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1921).
- Gal Costa (Cantora), Veloso, C. (Compositor), & Gil, G. (Compositor). (1969). Divino, Maravilhoso [Música]. In *Gal Costa*. Philips.

- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário da Psicanálise* (4a ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1924).
- Oliveira, G. D. (2013). *Mimésis: conceito e exemplificação do texto literário em A Metamorfose, de Franz Kafka [Apresentação de trabalho]. II Encontro de Pesquisa e Extensão e Semana Nacional de Ciência e Tecnologia*, Universidade Estadual de Goiás, Brasil. Recuperado em 02/01/2025 em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/epe-slmb/article/view/2714>
- Resolução CFP n. 10, de 21 de julho de 2005. (2005, 21 de julho). Aprova o Código de Ética Profissional do Psicólogo. Conselho Federal de Psicologia. Recuperado em 02/01/2025 em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>
- Pina, R. (2018, 16 de outubro). TSE confirma que “kit gay” nunca existiu e proíbe “fake news” de Bolsonaro. *Brasil de Fato*. Recuperado em 26/10/2023 em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/10/16/tse-confirma-que-kit-gay-nunca-existiu-e-proibe-fake-news-de-bolsonaro>
- Ricci, R. G. (2018). Movimentos e mobilizações sociais no Brasil: de 2013 aos dias atuais. *Saúde em Debate*, 42(spe3), 90-107. <https://doi.org/10.1590/0103-11042018s308>
- Roda Viva (2019, 17 de setembro). *Michel Temer fala sobre impeachment de Dilma Rousseff [Vídeo]*. YouTube. Recuperado em 26 outubro, 2026, de <https://www.youtube.com/watch?v=W45xyv5qLmE>.
- Schlegel, R., & Freitas, A. (2021). Fake news e suas abordagens no Brasil: balanço de uma agenda de pesquisa em formação. *Confluências – Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito*, 23(3), 204-228. <https://doi.org/10.22409/conflu.v23i3.44497>
- Schwarcz, L. M (2019). *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Siebert, S., & Pereira, I. V. (2020). A pós-verdade como acontecimento discursivo. *Linguagem em (Dis)Curso*, 20(2), 239-249. <https://doi.org/10.1590/1982-4017/200201-00-00>
- Silva, G. J. (2014). Conceituações teóricas: esquerda e direita. *Humanidades em Diálogo*, 6, 149-162. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-7547.hd.2014.106265>
- Silva, T. C. F. C, & Caminha, I. O. (2019). O fascismo e as massas: uma análise da teoria freudiana sobre o contágio do ódio. *Problemata*, 10(5), 178-187. Recuperado em 02/01/2025 em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7856527.pdf>
- Singer, A., Dunker, C., Araújo, C., Loureiro, F., Carvalho, L., Paulani, L., Braga, R., & Safatle, V. (2020). Por que assistimos a uma volta do fascismo à brasileira. *Folha de São Paulo*. Recuperado em 02/01/2025 em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/06/por-que-assistimos-a-uma-volta-do-fascismo-a-brasileira.shtml>

**On the tightrope of the self: a snapshot of the bolsonarista phenomenon
under the aegis of mass movement**

Abstract

This article proposes a bibliographical section about socio-historical passages with repercussions related to authoritarian mass movements, glimpsed by Freud in “Psychology of the Masses and Analysis of the Self” (1921/2011) and Adorno & Horkheimer in “Dialectics of Enlightenment”, chapter “Elements of Anti-Semitism: limits of enlightenment”, Aphorism VI (1969), as well as its possible approaches to Jair Bolsonaro’s government policy between 2018 and 2022. This proposal becomes achievable based on the tension of government speeches and practices in force between 2018 and 2022 and its supporters, considering the possible relationship between such speeches and the promotion of science denial, the dissemination of conspiratorial ideas and the rhetoric of internal and external enemies. To this end, it was necessary to examine, through specific theoretical references, how technological administration can influence the process of rational formation of the subject through the possible relationship between media aspects and the alienating potential of the concept of “post-truth” within the context of current Brazilian society. The research carried out does not aim to conclude the understanding of the Bolsonarist phenomenon, but to indicate possible articulations to be considered in its study, so that it may cause discomfort to those who read it in order to motivate inquiries, propositions, questions and further investigation of the phenomenon.

Keywords: Authoritarianism, Bolsonarism, Mass movement, Post-truth

**Sur la corde raide du Soi: tour d’horizon du phénomène bolsonariste
sous l’égide du mouvement de masse**

Résumé

Cet article propose une section bibliographique sur les passages socio-historiques ayant des répercussions liées aux mouvements de masse autoritaires, envisagés par Freud dans « Mass Psychology and Analysis of the Self » (1921/2011) et Adorno et Horkheimer dans « Dialectics of Enlightenment », chapitre « Éléments d’antisémitisme: limites des lumières », élément VI (1969), ainsi que ses approches possibles de la politique gouvernementale de Jair Bolsonaro entre 2018 et 2022. Cette proposition devient réalisable grâce à la tension des discours et des pratiques du gouvernement en vigueur entre 2018 et 2022 et ses partisans, considérant la relation possible entre de tels discours et la promotion du déni de la science, la diffusion d’idées conspiratrices et la rhétorique des ennemis internes et externes. Pour cela, il était nécessaire

d'examiner, à travers des références théoriques spécifiques, comment l'administration technologique pouvait influencer le processus de formation rationnelle du sujet à travers la relation possible entre les aspects médiatiques et le potentiel aliénant du concept de « post-vérité » au sein du système de la société brésilienne actuelle. La recherche menée ne vise pas à mettre fin à la compréhension du phénomène bolsonariste, mais à mettre en évidence un certain inconfort pour ceux qui la lisent, afin de motiver des enquêtes, des propositions, des questions et une investigation plus approfondie du phénomène.

Mots-clés: Autoritarisme, Le bolsonarisme, Mouvement de masse, Post-vérité

En la cuerda floja del Yo: un panorama del fenómeno bolsonarista bajo la égida del movimiento de masas

Resumen

Este artículo propone una sección bibliográfica sobre pasajes sociohistóricos con repercusiones relacionadas con movimientos de masas autoritarios, previstos por Freud en “Psicología de masas y análisis del yo” (1921/2011) y Adorno y Horkheimer en “Dialéctica de la Ilustración”, capítulo “Elementos del antisemitismo: límites de la ilustración”, elemento VI (1969), así como sus posibles acercamientos a la política de gobierno de Jair Bolsonaro entre 2018 y 2022. Esta propuesta se vuelve realizable tensionando los discursos y prácticas del gobierno vigente entre 2018 y 2022 y sus partidarios, considerando la posible relación entre tales discursos y la promoción del negacionismo científico, la difusión de ideas conspirativas y la retórica de enemigos internos y externos. Para ello, fue necesario examinar, a través de referentes teóricos específicos, cómo la administración tecnológica podría influir en el proceso de formación racional del sujeto a través de la posible relación entre los aspectos mediáticos y el potencial alienante del concepto de “posverdad” dentro del contexto de la sociedad brasileña actual. La investigación realizada no pretende acabar con la comprensión del fenómeno bolsonarista, sino resaltar algunas incomodidades de quienes la leen, con el fin de motivar indagaciones, proposiciones, preguntas y una mayor investigación del fenómeno.

Palabras clave: Autoritarismo, Bolsonarismo, Movimiento masivo, Posverdad

Recebido em: 29/4/2024

Revisado em: 5/10/2024

Aceito em: 7/10/2024